

5 Conclusão

Concluimos esta pesquisa fazendo memória do percurso realizado até o momento. Vimos que os jovens nem sempre são compreendidos em sua diversidade e em seu protagonismo em meio à sociedade. Muitas vezes são rotulados e pouco aceitos em sua maneira de ser e agir. Isso não é muito diferente dentro da Igreja. Inúmeras vezes nossas juventudes são vistas como ameaças a certos padrões de atuação no meio eclesial. Não poucas vezes no interior da Igreja faz-se opção por um determinado estilo de juventude, esquecendo-se da beleza que há no diferente, sem contar que a diversidade é uma possibilidade de crescimento para todos.

No entanto, mesmo em meio a esses desafios que nos trazem a convivência com as juventudes, mesmo correndo o risco de ter que desacomodar-se, nossa Igreja tem potencial abertura diante das realidades juvenis. O Magistério eclesial afirma em diversos momentos que deposita esperanças nos jovens, reconhece que por meio deles Cristo vem à humanidade, vem à Igreja. Nesse sentido, damos ênfase às palavras do Papa Francisco, que com entusiasmo nos faz perceber o quanto de esperança a Igreja tem nas juventudes. Por ocasião do 11º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, acontecido em Manaus em janeiro de 2015, o Pontífice afirmou:

Meus queridos e minhas queridas jovens, tenho muita esperança em vocês que dão testemunho com as suas vidas desse Cristo libertador. Esse Cristo que “olhou ao jovem com misericórdia e o amou”, a Igreja também ama vocês e por isso vos peço que não se deixem abater pelas coisas que possam chegar a ouvir da juventude, em todo tempo histórico se falou pejorativamente dos jovens, mas também em todo tempo foi essa mesma juventude que dava testemunho de compromisso, fidelidade e alegria¹.

Estamos diante de uma Igreja sensível às realidades juvenis, que acredita na força profética dos jovens discípulos-missionários, e que está disposta a apoiá-los até mesmo nos momentos em que são discriminados por sua condição juvenil. Sabemos que há muito para se caminhar na direção das juventudes, mas vemos

¹ FRANCISCO, *Carta aos participantes do 11º ENPJ*, 21/01/2015, Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/comissoes-episcopais-1/juventude-1/15721-papa-francisco-envia-carta-aos-participantes-do-11-enpj>, Acesso em: 27 jan. 2015.

que as portas estão abertas, basta termos uma Igreja em saída que tenha coragem de ir às juventudes, que tenha coragem de estar nas noites que enfrentam, e que seja humilde para acolhê-los não apenas como objetos de sua esperança, mas como sujeitos de esperança, que fazem história e que são capazes de acolher em suas esperanças cotidianas a esperança cristã que tudo ressignifica em Cristo.

Entendemos que essa esperança depositada nas juventudes só pode ser real se direcionada à pessoas reais, ou seja, à pessoas inseridas em um contexto, reconhecidas em seus sonhos, em suas lutas, em seus medos, enfim, em toda a sua realidade, mesmo que sofrida e necessitada de cuidados. A situação de muitas juventudes interpela a Igreja a colocar-se sempre mais próxima de seus filhos e filhas. Muitos continuam trilhando diariamente o caminho do calvário, da flagelação, da crucificação. Diante da realidade vemos grande parcela de nossos jovens sendo massificados pelo peso de sistemas corruptos que fazem do humano peças descartáveis colocadas para fora da sociedade. Tais realidades clamam por libertação, clamam por uma Igreja Mãe que não tema estar com seus filhos e filhas, mesmo que aos pés de suas cruzes (cf. Jo 19,24).

Porém, são essas mesmas juventudes, por vezes crucificadas, em quem a Igreja deposita suas esperanças. São essas mesmas juventudes, portadoras de esperanças que nos falam da possibilidade de um mundo sempre mais próximo ao reinado de Deus. Vemos que em suas maneiras de amar, de cultivar a amizade, de festejar, de buscar a companhia do grupo, de relacionar-se com seu corpo, e em tantas outras dimensões, os jovens são espaços onde Deus está presente, onde Deus pode manifestar-se, onde as esperanças cotidianas podem acolher a esperança encarnada, a esperança cristã que a todos encaminha para a definitividade. Não precisamos apagar a história, o jeito de ser de nossas juventudes para que possam ser seguidoras de Cristo, podemos testemunhar-lhes o Cristo encarnado, o Verbo feito homem (cf. Jo 1,1s), que em seu chão assumiu e vivenciou radicalmente a vontade do Pai.

Mesmo que muitos repitam chavões que pouco ou nada dizem sobre as juventudes, temos a possibilidade de romper com esses preconceitos e perceber nelas a porta por onde nos vêm as novidades, as surpresas de Deus. Em cada jovem está a possibilidade de aprofundarmos nosso conhecimento e acolhimento da Revelação. Não podemos prender o Espírito, não podemos impedir que Deus faça novas todas as coisas. À essas juventudes devemos ser sinais, devemos

exercer a missão de João Batista, diminuir para que o Senhor cresça sempre mais em suas vidas (cf. Jo 3,30). Afirmar que nossos jovens não se interessam por Deus é algo que não podemos concordar. Ao longo de nosso trabalho pudemos perceber que nossas juventudes, em seus contextos e particularidades, buscam estar em sintonia com o sagrado, fazem parte das inúmeras gerações, que depositam em Deus suas esperanças, que buscam nele forças para seguirem na conquista de seus ideais. Dados estatísticos nos mostram que a maioria dos jovens não abandonou a Igreja, mas tem novas formas de vivenciar sua fé, sua religiosidade. Eles desafiam a Igreja a desinstalar-se, a abrir espaço para o novo que vem, a ser sempre mais acolhedora, misericordiosa e capaz de testemunhar não apenas com suas palavras, mas com suas atitudes, o Cristo Bom Pastor que dá a vida por suas ovelhas.

Essas juventudes trazem em si as marcas do Criador. Em meio às desesperanças e desesperos, cultivam esperanças, sonham com uma vida mais digna para si e para a humanidade, são capazes de se empenhar na construção de um mundo melhor. Em suas esperanças cotidianas há espaço para a esperança cristã, pois essa também empenha a criatura na edificação da civilização do amor, na construção do Reino no “já” da história. Falamos e vemos nas juventudes espaço e testemunho de uma esperança que não se acomoda, que não paralisa, que faz dar passos rumo ao definitivo da humanidade. Essa esperança em ato jamais alienará nossas juventudes, mas será a força que as mobilizará em direção de seus sonhos, será força que as fará seguidoras de Jesus na vivência dos valores evangélicos. Nas juventudes vemos a possibilidade de uma cultura de esperança, de vidas perpassadas pela esperança cristã que não deixa tombar aqueles que estão no Caminho, aqueles que são seguidores do Caminho (cf. At 22,4).

Precisamos buscar uma pedagogia que ajude a Igreja a testemunhar, de maneira compreensível e crível, o valor da esperança cristã para a humanidade, e em nosso caso, para as juventudes. O distanciamento que há entre discursos e práticas vêm enfraquecendo a pertença de muitos jovens em nossa Igreja. De acordo como nossa pesquisa, podemos nos aprofundar na elaboração de uma pedagogia da esperança, empenhada em testemunhar a esperança cristã acontecendo no cotidiano do cristianismo e no cotidiano de nossas juventudes. Uma pedagogia que apresente a esperança cristã como é verdadeiramente, possível de ser vivenciada no dia a dia, sem magias ou fugas do mundo, mas comprometida com cada criatura e com todo o cosmos até que Deus seja tudo em

todos. cremos que isso pode se dar pelo verdadeiro testemunho de vida que faça transparecer Cristo e os valores evangélicos na vida da humanidade. Isso exige que sejamos uma Igreja sempre mais misericordiosa, capaz de acolhida, de perdão, de compromisso com a humanidade, capaz de profecia, de empenhar-se na luta pela vida dos mais empobrecidos. Uma Igreja que testemunhe o Amor de Deus para aqueles que são excluídos da sociedade, para aqueles que não produzem e tão pouco consomem conforme manda o mercado, uma Igreja capaz de arriscar-se por aqueles que ninguém se arriscaria, que acredite no Amor incondicional de Deus por cada um de seus filhos e que possa amar conforme Deus ama. cremos que essa Igreja é a Igreja da esperança, que não tombou ao longo de toda história, que mesmo em meios às tempestades continua em sua missão, e que ao longo de gerações vem testemunhando o cumprimento da promessa, ou seja, a vinda do Salvador, e a abertura de uma nova esperança, certa e que não falha, por já estar cumprida em Cristo.

Nossas juventudes nos ensinam a caminhar em direção ao novo, ao eterno, àquilo que Deus reserva para seus amados. Com eles aprendemos a ousadia e o protagonismo da esperança cristã. O Papa Francisco nos diz que somente estando com o Mestre poderemos prosseguir no Caminho e é isso que recomenda as juventudes de hoje:

Também, hoje, a pergunta bate “à porta” da nossa consciência: Que queres da vida? Que sentido dás ao tempo? Como geres o instante no todo na tua história pessoal? Tens presente o teu futuro definitivo? E o teu contributo para o bem de todos? Cada um de nós saberá continuar a lista sem dificuldade. Toda a pergunta tem resposta. “Vinde e vede”, a resposta de Jesus fica como modelo e pedagogia para todos os peregrinos da verdade. Eles vão e ficam na sua companhia. Deixam-se “moldar” pelo modo de ser do Mestre. Mais tarde serão enviados em missão. E, como outrora, também agora, somos convidados a conviver com Ele, a partilhar a sua vida, a acolher o seu olhar penetrante, a deixar-nos atrair e “agarrar” pela experiência gratificante que dá resposta aos anseios mais profundos do coração humano².

É ao lado do Mestre que nossas juventudes saberão viver na esperança, saberão fazer de seus sonhos espaço de realização da esperança cristã, espaço de edificação da civilização do amor, que sempre mais aproximará o mundo do reinado de Deus. A esperança cristã não apenas pode trazer plenitude às esperanças cotidianas, como pode ser a fonte de onde brotam todas as esperanças

² Ibid., loc. cit.

de nossas juventudes. A esperança cristã pode ser o alimento de todas as demais, ela se assemelha com as juventudes: é o novo, é força, é ato, é surpresa, é coragem, é ousadia, enfim, é o Cristo que vive em cada um (cf. Gl 2,20). Precisamos que os discípulos estejam em companhia do Mestre, que possam fazer a experiência do encontro para prosseguirem em missão, e a Igreja pode viabilizar estes encontros. O Papa Francisco diz aos jovens:

Os discípulos, na companhia do Mestre, aprenderam os modos de realizar a missão: curar doentes e alimentar famintos, partilhar e viver na alegria sincera, deixar-se conduzir pelo amor universal e generoso, que Deus nos tem, acolher os mais débeis e afastados das fontes da vida. E partem pelos “quatro cantos da Terra” a anunciar a vocação sublime de todo o ser humano, a apreciar e a cuidar a dignidade do seu corpo (toda a sua pessoa), a construir relações na base da regra de ouro “tudo o que queres para ti, fá-lo aos outros”, a reconhecer que só a civilização do amor manifesta, o melhor possível, a convivência sustentada em sociedade e redimensionada na cultura, a vocação de toda a humanidade³.

Nesse encontro, todo o bem que há nas juventudes, todos os traços de Deus que estão nelas, tomam novo impulso e despertam para a contínua vivência do verdadeiro amor, da esperança que vai além de todas as esperanças, e a vida realiza-se em abundância mesmo em meio às dores que circundam a humanidade, e apesar do mal, a esperança terá e gerará vida para a humanidade. Enfim, a esperança cristã é alimento para as juventudes, é fonte para suas esperanças, é força que os faz prosseguir, e com o Papa Francisco dizemos:

Nunca percam a esperança e a utopia, vocês são os profetas da esperança, são o presente da sociedade e da nossa amada Igreja e por sobre todo são os que podem construir uma nova civilização do amor. Juguem a vida por grandes ideais. Apostem em grandes ideais, em coisas grandes; não fomos escolhidos pelo Senhor para coisinhas pequenas, mas para coisas grandes⁴!

Da esperança cristã vem à ousadia que nossas juventudes necessitam para levar adiante seus sonhos, suas utopias, suas esperanças cotidianas que possibilitam acontecer a civilização do amor em meio à humanidade. A Igreja deve ter esperança nas juventudes, deve oferecer-lhes o testemunho da esperança que não sucumbe e assim o Reino irá acontecendo ao longo de muitas outras gerações que virão.

³ Ibid., loc. cit.

⁴ Ibid., loc. cit.